

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA CLÍNICA

**Plantão Psicanalítico como uma ferramenta de ensino em Psicologia:
um relato de experiência**

Glauce Alves Rabello
Maria Clara Barbosa B. G. Nasser
Micaela Arisa Washimi
Pietra Fraga do Prado

Resumo sobre o projeto de extensão da UFSCar, denominado Plantão Psicanalítico, como prática psicológica inovadora e como política pública à saúde mental com finalidade de apresentação e discussão no IX Congresso Virtual de Gestão, Educação e Promoção da Saúde.

SÃO CARLOS
AGOSTO - 2020

Dentro da perspectiva contemporânea da psicologia clínica tem sido possível despende um novo olhar sobre as novas formas de inserção do psicólogo na sociedade e também do conceito e compreensão da noção de sujeito. A idéia de atendimento clínico privado de um sujeito considerado desconectado do seu entorno passa a assumir um comprometimento com o ser humano inserido no contexto social, político e ético (REBOUÇAS E DUTRA, 2010).

No contexto histórico da construção do novo olhar para o atendimento psicológico, Rachel Léa Rosenberg foi quem iniciou as primeiras escutas clínicas em formato de Plantão Psicológico no Brasil por volta de 1969, um ano muito significativo, pois a profissão de Psicólogo se encontrava no início de seu reconhecimento no Brasil durante um momento político delicado que o país enfrentava (MORATO, 2008). Esta prática se deu no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), o qual ela construiu junto com o Professor Oswaldo de Barros Santos a partir da Psicologia Humanista e da Abordagem Centrada na Pessoa (REBOUÇAS e DUTRA, 2010).

Já a vertente Psicanalítica no trabalho do Plantão Psicológico irá valorizar o falar correspondente a um escutar, entendendo que este é um espaço para que os processos inconscientes se manifestem, em que o indivíduo será levado a ocupar um lugar ativo neste processo ouvindo suas próprias palavras e significando ou ressignificando o sofrimento apresentado. Sendo assim, o plantão psicanalítico é um encontro que promove o crescimento em direção às potencialidades próprias, permitindo a responsabilização do indivíduo perante seu sofrimento, trazendo à consciência seus processos inconscientes e permitindo que o indivíduo se torne protagonista de sua própria história (DAHER, ORTOLAN, SEI e VICTRIO, 2017).

Ainda que o atendimento se configure no regime de plantão, a regra fundamental da análise permanece na medida em que os sujeitos são convidados a associar livremente sobre a sua angústia. Nesse movimento, devido ao caráter emergencial do serviço, tanto o sujeito quanto o terapeuta estão expostos ao encontro com o desconhecido. Freud (2010), ao discorrer sobre a inquietude, caracteriza-a como um estranhamento do Eu consigo mesmo. Esse sentimento emerge quando o Eu se depara com algo em si, ou seja, algo familiar, que se refere a um período passado. Como consequência disso, o Eu passaria a incorporar uma duplicidade em si, sustentada por um conflito entre tendências e fantasias não realizadas e o lugar em que se está (FREUD, 2010). Mesmo que o setting estabelecido no plantão seja diferente, ele ainda possibilita o encontro entre essas duas posições.

Nesse sentido, o estudo de conceitos como transferência e identificação projetiva é essencial para que o manejo e as intervenções possibilitem o acolhimento do sofrimento. A transferência é entendida como a dinâmica entre os desejos inconscientes e objetos estabelecidos reproduzida em um plano relacional, inclusive no ambiente analítico (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001). Já a identificação projetiva, diz respeito a um movimento em que o sujeito atribui suas fantasias e angústias a um outro objeto, o qual se identifica com o conteúdo projetado, tomando para si características totais ou parciais desse sujeito (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001). Tal mecanismo permite que o analista, ao perceber sua ocorrência, possa interpretar para o analisando os conteúdos expulsos e projetados em sua figura. Desse modo, a escuta dos terapeutas é desenvolvida por meio do embasamento teórico juntamente a uma prática que visa a estabilização momentânea da angústia.

A perspectiva de acolhimento da fala e ressignificação da angústia emergente pode ser psicanaliticamente compreendida como uma descarga afetiva, ou seja, uma ab-reação (FREUD e BREUER, 2016). Porém, isso não significa, necessariamente, que o sujeito conseguiu superar o sofrimento em questão, mas sim, que entrou em contato com este por meio de um outro olhar. Logo, o psicanalista também é convidado a descobrir novos delineamentos e possibilidades objetivando à promoção de autonomia psíquica.

É nesse sentido que o processo de construção de ferramentas que atenda às necessidades atuais dos sujeitos envolve o desenvolvimento de profissionais capazes de compreender a realidade em constante modificação para, então, promover ações e serviços que priorizem a “formação de perfis profissionais e de serviços, introdução de mecanismos, espaços e temas que geram auto-análise, autogestão, implicação, mudança institucional, enfim, pensamentos e experimentação” (CECCIM, 2005, p.163). Essa dimensão da formação em Psicologia se mostra relevante para o desenvolvimento de um plantão psicológico.

O modelo de Plantão Psicológico tem tido uma considerável expansão no ambiente universitário, por entender a grande demanda de atendimento para universitários e a falta de profissionais para atendê-los. Com isso o serviço de Plantão Psicológico tem sido integrado a esse contexto como atividade de extensão com o intuito de articular o trabalho de alunos da graduação de Psicologia no atendimento do sofrimento psíquico dos universitários de todos os outros cursos de graduação, contribuindo, assim, para sua formação (AIRES; KURATANI, 2017). Em vista disso esse trabalho é referente ao projeto de extensão, Plantão Psicanalítico, que ocorre em um dos departamentos da UFSCar *campus* São Carlos.

2. Objetivos

Os objetivos deste trabalho se ramificam em dois eixos, descritos a seguir.

2.1. Usuários

Para os técnicos administrativos, docentes e graduandos, o objetivo primário foi o acolhimento de suas demandas emocionais emergentes, assim como o levantamento das demandas mais frequentemente relatadas. O objetivo secundário consistia no encaminhamento para a coordenação das questões abordadas pelos usuários que se relacionavam à estrutura ou à organização do departamento. Um terceiro objetivo foi apontar à coordenação do departamento possíveis medidas a serem tomadas para que essas questões fossem solucionadas.

2.2. Extensionistas

Concomitante aos objetivos descritos acima, esse eixo pretendeu desenvolver habilidades às estudantes de psicologia que realizavam os atendimentos do projeto, considera a lacuna do projeto pedagógico do curso de Psicologia da UFSCar. Essas habilidades se referem à escuta qualificada de demandas emocionais, à observação do paciente e à capacidade de identificar a questão emocional principal trazida. Além disso, pretendeu-se habituá-las à exposição a situações de emergência emocional, bem como ensinar uma compreensão diferente de conceitos da psicanálise por se tratar de um atendimento pontual.

3. Metodologia

Inicialmente, foi realizada a divulgação do projeto por três meios, sendo esses um seminário de apresentação, plataformas digitais e a fixação de panfletos no departamento, no qual a equipe do projeto, composta por uma pós-graduanda e 6 extensionistas previamente selecionadas, esperavam possíveis usuários. Os atendimentos aconteciam em 3 salas reservadas para o projeto, das 10h às 16h e das 18h às 20h, todas as terças-feiras, e tinham a

duração de 50 minutos aproximadamente. Para cumprir o horário de funcionamento do Plantão, foi realizada uma escala de horários. A pós-graduanda disponibilizava-se durante todo o período de atendimento, enquanto as extensionistas se dividiram e se disponibilizavam durante 2h.

Assim que algum interessado chegava à sala principal, uma das terapeutas presentes naquele turno levava o usuário para o local disponível para atendimento. Antes de iniciar o acolhimento, era preenchida uma ficha com dados pessoais do usuário, de modo que era possível registrar: o curso do aluno, ano de ingresso, o período em que se encontrava, cidade de origem, o tempo em que residia na cidade atual, as atividades que participava além da graduação, problemas de saúde, uso de medicações, uso de álcool, tabaco ou outras substâncias e se já havia feito psicoterapia. Após o preenchimento das informações, o paciente apresentava a queixa que lhe levou a buscar o Plantão e dava-se continuidade a sessão. Em alguns casos, conforme a demanda, os usuários eram convidados a voltar para mais uma sessão de atendimento na semana seguinte.

Após a sessão, a terapeuta fazia um breve registro do atendimento, destacando a queixa principal e o encaminhamento oferecido. Os encaminhamentos eram indicações de projetos ativos na universidade ou indicações de profissionais com preços acessíveis a estudantes, quando identificava-se uma demanda clínica.

O projeto previa também uma supervisão semanal dos casos atendidos, ocorrendo na própria terça-feira, das 16h às 18h, em que toda a equipe estava presente. Nessas supervisões, eram relatados os registros dos atendimentos, discutiam-se os casos e também textos sobre conceitos e práticas psicanalíticas, como também foi realizado o levantamento das demandas mais frequentemente relatadas e identificadas medidas possíveis que o departamento poderia se reestruturar.

Por fim, foram realizadas reuniões periódicas com a chefe de departamento e uma apresentação dos resultados parciais aos coordenadores de curso, com apontamentos de algumas medidas com objetivo de diminuir o sofrimento experienciado pelos usuários atendidos.

4. Resultados e Discussão

Durante o segundo semestre de 2019, foram realizados 24 atendimentos com 20 usuários diferentes, contabilizando 78 horas de sessão, distribuídas em 9 dias. Apenas discentes com idades entre 19 e 37 anos solicitaram atendimentos do Plantão, sendo que 55% destes tinham entre 20 e 21 anos. Dos alunos atendidos, 16 estavam na graduação, 3 estavam no mestrado e 1 estava no doutorado. Nos alunos de graduação, notou-se que a maioria, correspondente a 43,75%, cursava o 4º período. Em relação ao público, notou-se também que 70% dos participantes realizavam outras atividades além da graduação, entretanto 78,57% delas eram relacionadas de alguma maneira ao curso.

Percebeu-se que 75% dos usuários afirmaram não apresentar problemas de saúde. No entanto, 75% deles afirmaram já ter passado ou estar passando por terapia. Observou-se também que 25% do público foi composto por mulheres e 75% por homens. Foi possível notar também que 80% dos participantes eram originários do estado de São Paulo.

Por fim, dentre as categorias formadas por meio dos conteúdos emergentes durante as sessões foi possível notar que as queixas mais frequentemente encontradas foram: sentimentos e emoções relacionados ao curso, correspondente a 95%, dificuldade de criação de vínculos

na universidade, correspondente a 60%, e questões relacionadas à autoestima, correspondente a 50%.

A procura apenas por parte dos discentes parece indicar a necessidade de melhorar o vínculo com o restante da comunidade do departamento em que o projeto foi realizado. Aparece ser relevante também o reajuste dos horários de atendimento dada a procura maior por estudantes de 4º período. Acredita-se que o fato de os estudantes atendidos serem majoritariamente homens nascidos no estado de São Paulo reflita a demografia dos discentes desse departamento. A coincidência entre o número de alunos que considera não ter tido problemas de saúde e o número de alunos que declarou já passar ou estar passando por psicoterapia parece sugerir que esses estudantes não consideram, no geral, a saúde mental uma questão de saúde.

Em relação às categorias delimitadas nesse estudo, percebeu-se que, muitas vezes, a queixa apresentada inicialmente estava relacionada a questões referentes à graduação. Entretanto, no decorrer do atendimento, conteúdos latentes ligados às dificuldades nas relações interpessoais e à baixa autoestima eram mobilizados, indicando que o sofrimento estava associado também a questões desenvolvimentais anteriores ao período de graduação. Concluiu-se que a graduação não é uma causadora de sofrimento, contudo ela pode precipitar muita angústia ao se constituir como um ambiente não-promotor de vínculos entre os participantes de sua comunidade.

Com isso, em reunião com os coordenadores dos cursos, foi sugerido a criação de intervenções no sentido de fomentar a criação de vínculos, como implantar um projeto para receber e acompanhar os calouros, bem como dar início a grupos de trabalho com os alunos e professores separadamente. Tais medidas foram apresentadas com o intuito de facilitar o estabelecimento de relações interpessoais desde o ingresso na graduação, assim como visando um diálogo maior entre as categorias componentes do departamento, diminuindo alguns dos problemas institucionais presentes nas narrativas dos alunos. Destaca-se, desta forma, a importância do projeto de extensão para a comunidade na qual ele é realizado.

É necessário também ressaltar que, do ponto de vista educacional, ele propõe uma atualização da técnica psicanalítica ao aplicá-la em uma condição diferenciada de setting. Mezan (1996) descreve que para que um trabalho clínico seja denominado psicanalítico ele necessariamente deve apresentar os elementos: inconsciente, interpretação, resistência e transferência. Nesse sentido, é possível compreender que o Plantão Psicanalítico se mantém dentro desse referencial teórico ao partir desses conceitos para construir sua prática. Contudo expande seu alcance ao propor a realização de um atendimento único com caráter emergencial situado dentro de um departamento universitário. Desta forma, o projeto se permite ocupar a posição inquietante do desconhecido já descrita por Freud (2010), essencial para o avanço e maior abrangência das técnicas psicanalíticas.

Ademais, o projeto se mostra relevante para a formação em saúde coletiva, uma vez que ele propicia a experiência do atendimento psicológico em contexto emergencial, preenchendo uma lacuna no projeto pedagógico da graduação em Psicologia na UFSCar, visto que na matriz curricular não é prevista a articulação entre os estudos psicanalíticos e a atuação no nível terciário de atenção à saúde (UFSCAR, 2010). O projeto também se mostra dentro das diretrizes propostas pelo regimento geral dos cursos (UFSCar, 2016) ao se dispor a integrar: o estudo teórico em Psicologia; a produção científica nessa área, bem como sua divulgação, e, por fim, a atuação prática junto à comunidade, gerando ganhos concretos a ela.

5. Referências Bibliográficas

AIRES, S.; KURATANI, S. O serviço de psicologia na universidade. In: CARNEIRO, Virginia Teles. **Plantão Psicológico: uma modalidade clínica no Serviço de Psicologia da UFRB**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017.

CECCIM, R. B. Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 975-986, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400020&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000400020>.

DAHER, A. C. B.; ORTOLANI, M. L. M.; SEI, M. B.; VICTRIO, K. C. Plantão Psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v.38, n.2, p.147-158, jul/dez. 2017. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/32074>> Acesso em 05 de abril de 2019.

FREUD, S. “O Inquietante” In: FREUD, S. **Obras Completas Volume 14** (1917 – 1920); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. & BREUER, J. “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos” In: FREUD, S. **Obras Completas Volume 2** (1893 - 1895); tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B.L. **Vocabulário de Psicanálise.**, 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

MEZAN, R. Psicanálise e psicoterapias. **Estudos Avançados**, v.10, n.35, 1996, p. 95-108.

MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. **Psicologia USP**, São Paulo, v.19, n.1, jan/mar 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100012> Acesso em: 06 de abril de 2019.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, El. Plantão Psicológico: Uma Prática Clínica na Contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 19 – 28, Jan./Jul. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004>. Acesso em 03/04/2019.

UFSCAR. **Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da UFSCar**. São Carlos, 2010. Disponível em:

<<http://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/psicologia/psicologia>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

UFSCAR. **Regimento Geral dos Cursos de Graduação**. São Carlos, 2016. Disponível em: <<http://www.prograd.ufscar.br/conselho-de-graduacao-1/arquivos-conselho-de-graduacao/regimento-geral-dos-cursos-de-graduacao-1>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.